

NTN-B em alta volta a atrair Fundações iniciam tímido processo de busca por mais risco, mas que logo foi interrompido com elevação nos prêmios das NTN-Bs

Categoria: TA - Outubro/2018 - Base de Junho/2018

Publicado: 22 Outubro 2018

Os fundos de pensão e os RPPS, que ao longo do ano passado aumentaram a busca por ativos de maior risco, principalmente via multimercados e fundos de ações locais e no exterior, a partir do segundo trimestre deste ano passaram a direcionar as alocações para a renda fixa, aproveitando o aumento dos prêmios das NTN-Bs em consequência da deterioração do quadro doméstico e internacional.

A diretora executiva responsável pela área comercial e de produtos da BB DTVM, Paula Teixeira, afirma que o fundo de renda fixa de gestão ativa, lançado em meados do ano passado, teve bastante aceitação dos institucionais, principalmente a partir de abril último, com captação de R\$ 2,8 bilhões até meados de outubro. “Por meio dessa estratégia os investidores podem se posicionar na renda fixa e capturar os prêmios diante do atual contexto de volatilidade que estamos vivenciando”. A especialista pontua que a volatilidade do mercado, se gera uma série de desafios por conta do aumento do risco, também proporciona oportunidades de rendimentos em títulos públicos acima das metas atuariais dos institucionais

Segundo Paula, a BB DTVM estuda lançar até o final do ano dois novos fundos para os regimes próprios de previdência social (RPPS), dando a esses investidores exposição ao mercado global através de BDRs ou de ‘feeders funds’ locais aplicando em estratégias no exterior. Essas novas estratégias globais se tornaram possíveis com a edição da Resolução 4.604, de outubro de 2017, que promoveu mudanças regulatórias no segmento dos RPPS.

Em relação à demanda dos fundos de pensão por ativos globais, Paula destaca que também tem recebido uma série de consultas buscando um entendimento melhor sobre as possibilidades e oportunidades de investir no exterior. Essas consultas, no entanto, ainda não estão se concretizando em alocações efetivas, principalmente por causa da volatilidade do mercado e das oportunidades pontuais na renda fixa, explica a executiva.

Capital protegido – Na Caixa, o gerente nacional, Daniel Sandoval, aponta os fundos de ações de capital protegido indexados ao IPCA como um produto que teve forte procura pelos institucionais recentemente, que em caso de desempenho negativo devolvem ao investidor o valor inicialmente aportado corrigido pelo índice de inflação. “Lançamos dois fundos de capital protegido para RPPS e captamos cerca de R\$ 700 milhões”. Pelos dados do Top Asset, a Caixa consolidou sua liderança junto aos regimes próprios com

um incremento de 13,81% em 12 meses, para R\$ 65,68 bilhões, abrindo uma folga de quase R\$ 10 bilhões em relação à segunda colocada BB DTVM, que cresceu 7,16% entre os RPPS, para R\$ 55,28 bilhões.

O gerente da Caixa avalia ainda que os prêmios das NTN-Bs, considerados os custos incorridos com custódia e administração estão, na média, um pouco abaixo dos atuariais dos RPPS, o que, segundo o especialista, não ocorreu com as fundações, que promoveram um processo de redução das metas nos últimos anos. “Pelo atuarial um pouco menor das fundações em relação aos RPPS, eles conseguiram ficar mais confortáveis com os títulos públicos embora nos planos de Contribuição Definida (CD) ainda notamos uma procura maior por risco”.

Na Bradesco Asset Management (Bram), o processo de diversificação das carteiras, por conta dos juros baixos, teve como destino principalmente os fundos de dividendos e small caps. Segundo o head comercial da área, Sérgio Magalhães, as captações junto aos RPPS cresceram 25,11% em 12 meses, para R\$ 8,38 bilhões, refletindo o bom relacionamento do banco com os estados e municípios e seus institutos de previdência. “A marca e a solidez do Bradesco contribuem para esse acesso positivo que temos junto aos regimes próprios”, pontua o executivo.



Gschliffner: começa a notar uma retomada do interesse dos estrangeiros por ativos no mercado local

Estrangeiros – Na **Santander Asset Management**, o superintendente executivo de produtos, **Rudolf Gschliffner**, nota que após a greve dos caminhoneiros, assim como os investidores locais assumiram uma postura mais conservadora trocando posições de renda fixa pré-fixada por títulos indexados à inflação, também os estrangeiros modificaram sua leitura do mercado e retiraram parte de seus recursos investidos na região. **A SAM** também trocou, em seus fundos, posições de renda fixa pré por títulos indexados à inflação. “Esse foi um movimento que se mostrou acertado diante da abertura das taxas no mercado”, afirma o superintendente da gestora. Mais recentemente, com a percepção de que os preços dos ativos nos níveis atuais já precificam a deterioração do cenário, **Gschliffner** começa a notar uma volta dos estrangeiros que, segundo ele, passam a enxergar oportunidades e potenciais pontos de entrada no mercado local. “Essa volta dos estrangeiros também se deve à alocação muito pequena que eles têm atualmente nos emergentes”.

Segundo o superintendente da SAM, com as mudanças na Resolução 4.661, especialmente na questão das carteiras imobiliárias, a gestora se prepara para estruturar novos produtos que possam atender a potencial demanda que deve começar a ocorrer nos próximos meses. “Até então, os fundos imobiliários não eram uma das principais alternativas para os institucionais em nossa grade, mas vai começar a ser”, diz.

Relacionamento – Já a BNP Paribas Asset tem se aproveitado de sua presença global para crescer junto aos institucionais locais. O head da área comercial institucional da BNP Paribas Asset, Eduardo Loverro, lembra que o banco é forte parceiro, no exterior, de muitos patrocinadores de fundos de pensão no Brasil. “Isso, claro, nos abre portas no sistema fechado de previdência complementar local”.

O executivo pontua ainda que, embora poucos fundos de pensão tenham surgido nos últimos anos, a massa de recursos do sistema fechado de previdência complementar segue a crescer e há esforços no sentido de ampliar a população atendida, com a abertura da adesão aos familiares dos participantes. “Ou seja, há perspectivas reais de crescimento do setor. A tendência é positiva”, afirma Loverro, acrescentando que com a saída de alguns players, a gestora ganhou espaço no segmento.

Por sua vez, o diretor executivo da Western Asset, Marc Forster, pondera que a atuação da casa junto ao público RPPS é relativamente nova, iniciada em 2011. “Desde 2013 temos um profissional exclusivamente dedicado ao segmento. No momento trabalhamos com cerca de 30 RPPSs”. A carteira de regimes próprios da gestora soma R\$ 1,045 bilhão, com crescimento de 110,65% no primeiro semestre do ano.